

O Grito do Povo

REPRODUÇÃO PARA O EXTERIOR

ORGÃO DA ORGANIZAÇÃO COMUNISTA MARXISTA LENINISTA PORTUGUESA

N 21 - Janeiro - 1974

Preço - 0,50 cent.

ESPECIAL

PROLETÁRIOS DE TODOS
OS PAÍSES UNI-VOS!

"A classe operária nos países desenvolvidos não pode triunfar, nem os povos oprimidos se podem libertar do jugo do imperialismo sem a formação e consolidação de uma frente revolucionária comum. Esta frente revolucionária comum não se poderá formar se o proletariado das nações opressoras não der apoio directo e decidido ao movimento de libertação dos povos oprimidos contra o imperialismo "metropolitano" pois (como diz Engels) NÃO PODE SER LIVRE O POVO QUE OPRIME OUTROS POVOS". Estaline

VIVA A ALIANÇA REVOLUCIONÁRIA DO POVO PORTUGUÊS E DOS POVOS DAS COLÓNIAS



VIVA O VIVA A

O massacre de Pijiguiti em 1959, em que meia centena de estivadores negros, quando estavam em greve, foram mortos pelas balas assassinas dos ocupantes colonialistas, teve uma grande importância para a compreensão da necessidade da luta armada na Guiné como única forma de responder à violência reaccionária do colonialismo fascista para conseguir libertar a Guiné e Cabo Verde do jugo secular da exploração e da opressão colonialista portuguesa.

O Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) compreendendo esta realidade prepara o seu avanço e implantação no campo.

A partir de 1963 os colonialistas portugueses respondem com o envio maciço de soldados armados até aos dentes e num ritmo cada vez mais acelerado para reprimir a crescente luta de libertação do povo da Guiné e Cabo Verde.



AMILCAR CABRAL - Secretário Geral do P.A.I.G.C., assassinado pela Pide em 20 de Janeiro do ano passado.

P.A.I.G.C. GUINÉ INDEPENDENTE



Apesar de toda a sua ferocidade e do seu armamento moderno e da utilização de armas químicas o exército colonial-fascista é dia a dia vencido na frente, milhares de soldados portugueses são enviados como carne para canhão e perdem a vida nesta luta inglória ao serviço da dominação imperialista, da rapina e do saque das riquezas e da opressão deste povo africano.

O colonialismo traiçoeiramente tenta ganhar a guerra assassinando, em 20 de Janeiro de 1973, o grande camarada combatente Amílcar Cabral. Mas a luta prossegue ainda com mais vigor, ante este nojento crime do Spínola e da Fide.

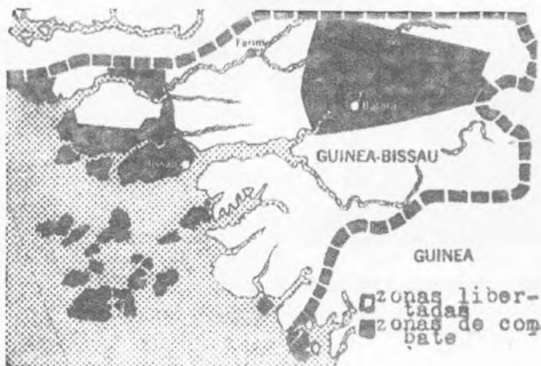
O povo da Guiné mostra a todo o mundo e particularmente ao povo português e aos povos de Moçambique e Angola, que um povo mesmo pequeno em número quando luta

por uma causa justa, a da sua Liberdade, consegue vencer o inimigo por mais feroz que ele seja.

Assim, no dia 24 de Setembro de 1973, a Assembleia Nacional Popular da Guiné proclamou a Independência do país, tendo já sido reconhecido o novo Estado como país independente e soberano por cerca de uma centena de países progressistas e amantes da paz.

Mas a luta não ficará por aqui, ela irá até à expulsão total de todos os colonialistas do território sagrado da guiné e Cabo Verde.

O POVO DA GUINÉ
E CABO VERDE LEVARÁ A LUTA ATÉ
AO FIM !



MOÇAMBIQUE E ANGOLA

Em Moçambique a luta armada de Libertação desencadeada em 1964 sob a direcção da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) estendeu-se, em Julho de 1972, à província de Manica e Sofala tendo alargado os campos de batalha a todo o centro de Moçambique e aproximando-se perigosamente (para os colonialistas) das províncias de Gaza e Inhambane, as últimas que resta incorporar na guerra aberta contra o chacal colonialista.

Neste 10 ano da luta armada pela Libertação, a construção de uma sociedade nova liberta da escravatura nas regiões libertadas avançam. VIVA A GLORIOSA E VITORIOSA LUTA DE LIBERTAÇÃO DOS POVOS DE ANGOLA E MOÇAMBIQUE !

ça e consolida-se dia a dia, servindo como poderosas bases de apoio para a libertação de todo o território do país.

Em Angola, a luta armada pela Libertação desencadeada em 1961, conheceu momentos de altos e baixos, em 1972 na região do Cunene rebentou uma importante insurreição popular, desenvolvendo-se assim a luta armada ao Sul de Angola.

O povo quer a Revolução que o liberte e lhe dê a independência total e o progresso e conseguirá vencer através de lutas e sacrifícios.

LUTA DE LIBERTAÇÃO DOS POVOS



"COMO PEIXE NA ÁGUA" - os combatentes entre o povo.

VIVA O INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

Os nossos amigos e os nossos inimigos não se distinguem pela cor da pele nem pelo lugar onde nasceram.

Os inimigos do Povo de Portugal são os exploradores que vivem à custa do suor e do sangue de todos os trabalhadores.

A burguesia portuguesa, capitalista e colonialista, que explora e oprime os operários os camponeses, os soldados, todo o povo, aliada ao imperialismo ocidental, com os imperialistas americanos à cabeça, são os inimigos de classe dos trabalhadores.

Os povos das colónias são, COMO NÓS, vítimas da miséria da exploração e das humilhações da burguesia colonialista e fascista portuguesa e dos imperialistas estrangeiros, são vítimas da criminosa Guerra Colonial Assassina e é contra isso que eles lutam.

Os povos das colónias não lutam contra o povo português, lutam na sua terra, pela defesa da sua pátria contra os seus inimigos que são ao mesmo tempo os nossos próprios inimigos.

Contra os inimigos comuns o povo de Portugal e os povos das Colónias têm de lutar unidos na base de uma solidariedade activa que destrua todas as manobras criminosas

do colonialismo e do imperialismo.

O povo português não pode ser livre sem se colocar ao lado dos povos das colónias na luta revolucionária e justa PELO PÃO, PELA TERRA, PELA PAZ E PELA DEMOCRACIA POPULAR.

Avançemos no caminho da Revolução para a tomada do poder pelas armas.



VIVA A LUTA DOS SOLDADOS E MARINHEIROS

QUANDO UM DIA PEGARMOS EM ARMAS SERA CONTRA OS INIMIGOS DOS POVOS DE PORTUGAL E DAS COLÓ-

NIAS - dizem cinco marinheiros portugueses, que em Setembro último desertaram para a Suécia, em entrevista dada ao Jornal Popular Português "O Alarme".

Levantemo-nos para abrir uma QUARTA FRENTE CONTRA O colonialismo e o fascismo português aqui mesmo onde ele quer estar mais seguro.

Os traidores do partido revisionista, Partido "Comunista" Português, sendo falsos comunistas nunca pretenderam levar a classe operária e o povo à Revolução, ao derrubamento violento do Estado burguês que é o suporte da exploração capitalista e do colonialismo.

Renegando Lenine e Estalin, traíndo o marxismo-leninismo, os revisionistas puseram-se a pregar o levantamento nacional pacífico negando a Revolução Popular armada como o único caminho que pode levar a classe operária e o povo a derrotar o inimigo.

Apesar de a luta dos Povos Irmãos das Colónias demonstrar claramente que só a violência revolucionária pode pôr fim à exploração e opressão, os revisionistas persistem na sua traição.

Só um Partido verdadeiramente de vanguarda da classe operária pode unir, organizar e dirigir o povo à vitória.

**ABAIXO O REVISIONISMO !
EM FRENTE PELA RECONSTRUÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA MARXISTA-LENINISTA PORTUGUÊS !
ABAIXO A GUERRA COLONIAL !
ASSASSINA !**

EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR!

Diz um dos marinheiros:

"Antes da tropa eramos operários, e sabíamos bem a exploração de que eramos vítimas por parte dos patrões e dos encarregados, que nos tratavam de cima da burra, como se fossem eles que nos andavam a fazer um favor, e não nós que andávamos a trabalhar para os engorda. Na tropa, na marinha, eram os oficiais e os sargentos xico que nos andavam sempre a lixar a vida e nos tratavam como se fôssemos escravos deles. E era então para defender os interesses desses nannas, dessa corja de bandidos que nós havíamos de ir para a Guerra Colonial Assassina, servir de carne para canhão e lutar contra os povos que já pegaram em armas para expulsar das suas terras os parasitas que lhes estão a sugar o sangue e não os deixam sair da miséria. Claro que logo que tivemos uma oportunidade, desertámos. Ninguém gosta de largar a sua terra e os seus, para mais sem saber quando os voltará a ver. Mas ir para a guerra, fazer-se um assassino e talvez até morrer para defender os mesmos que nos exploram e espezinham na nossa terra, isso é que não. Para

mais, conhecemos tantos que lá foram, trabalhadores como nós, e que, depois de voltarem têm a mesma que emigrar. para o estrangeiro

"O Alarme" - Quais foram os motivos da vossa deserção?

A.T.- Eu estava há 17 meses na tropa e soube que quando voltasse a Lisboa seria mandado para a Guerra em Angola. Ora eu sou de S. Tomé e vivi 5 anos em Angola. O povo de lá, tal como o da minha terra, vive oprimido e explorado, na miséria, enquanto os colonialistas vivem no luxo, sem nada fazerem senão humilhar os que são obrigados a servir-lhes de escravos, protegidos pela policia e o exército. Então eu acho que o povo de Angola é um grande exemplo para o povo da minha terra, porque já luta há muito tempo para pôr dali para fora essa corja de bandidos que nos humilha escravisa e vive à nossa custa. Era contra esse povo que me queriam mandar lutar Só estava à espera de uma oportunidade, e logo que ela se deu, desertei.

D.M.- Eu já estava na marinha há 24 meses e estava quase a ser mandado para as colónias. Mas eu, de há uns tempos para cá, comecei a

para fugir à miséria a que os submetem os capitalistas que foram defender..."

perceber que os inimigos dos povos das colónias são os mesmos do povo trabalhador português, os burgueses e parasitas fascistas. Eu sou um operário, que quando vier a lutar será pelo povo e não pelos inimigos do povo.

A.S.- Eu tinha 38 meses na marinha e estava mobilizado para a Guiné. Ia por dois anos, mas talvez, como muitos da minha especialidade, fosse obrigado a ficar lá mais. Mas mesmo que fossem só dois, que é que eu ia lá fazer senão tornar-me um criminoso, sabendo como sei que a luta dos povos das colónias é justa.

A.V.- Eu já levava 53 meses na tropa, sem nunca ter ido às colónias. Há mais de cinco meses que deviam ter-me deixado sair, mas disseram-me que não porque ainda tinha que ir à guerra. Ora eu, enquanto estivesse em Portugal, lá ia aguentando as humilhações dos xicos fascistas, só para não ter que largar a minha terra. Mas os senhores que oprimem e exploram o povo trabalhador

da minha terra que tanto quero, querem usar-nos como armas assassinas para poderem continuar a oprimir e a explorar os povos das colónias. Logo que compreendi isso, comecei a pensar em desertar, e foi agora que me surgiu a oportunidade.

L.R.- Eu já andava tão revoltado com o tratamento que me davam no barco que estava

"O Alarme" - Vocês falaram em humilhações e castigos sempre a responder aos oficiais e aos xicos. Já tinha apanhado tantos castigos que estava quase a ir para o forte. E era então a esses canalhas que me lixavam a vida constantemente e faziam tudo para me humilhar e aos meus camaradas que eu ia defender na guerra? Se um dia fizer guerra Há-de ser contra eles e contra os que eles servem.

Querem contar alguma coisa sobre isso e sobre as formas como a malta reagia à opressão?

A.T.- Eu posso falar de como me tratavam por ser africano. À mim, havia muitos oficiais e sargentos que não podiam falar comigo que não fosse para dizer: "anda cá ó preto!" Vai fazer isto, ó preto!" Os outros marinheiros não me tratavam assim. Uma vez, nos Adidos, era eu de S. Tomé e mais três de Cabo Verde que íamos entrar de serviço. Quando o tenente fez a chamada, não chamou pelos nossos nomes e, no fim, virou-se para o cabo-da-guarda e disse-lhe que " fosse buscar a lista dos pretos". A gente protestou, e perguntou se aquilo agora era assim. Só por isso tive que fazer 6 guardas de castigo, e ainda tinha mais para fazer quando embarquei.

L.R.- A comida que nos davam no barco às vezes até cheirava mal. Mas os ofici

ais que estavam de dia, e que se faziam com o ladrão do dispenseiro, diziam sempre que estava bem e mandavam servir. Eles diziam que a comida era igual para todos, mas as dos oficiais era cozinhada à parte, e por isso estava sempre bem. E eles podiam comer do melhor, mesmo que não quisessem tocar na comida do barco. Basta dizer que, quando andávamos em barcados, tínhamos de subsídio 45 00, para os grumetes e 60 00 para os marinheiros. Pois o sacana do comandante tinha de subsídio mais de 900 por dia! Uma vez, quando fizemos escala em Inglaterra, na ilha de White, protestámos contra a má alimentação e havia muitos que se queriam recusar a levantar ferro. Mas os sacanas dos xicos, dessa vez conseguiram fazer medo ao pessoal

Um deles, o sargento Mário Pimenta, que era dos mais odiados, disse a alguns dos que protestaram que lhes "havia de cortar as pernas antes de chegarmos a Lisboa".

A.S.- Mas também houve alturas em que a malta não se acagaçou e, unidos, fizemos-lhes frente. Quando fizemos escala em Portsmouth, o fascista do tenente Ferreira Pires mandou formar o pessoal que ia sair. Eramos uns 45 e só 10 é que receberam cartão de saída. Os outros tinham todos que ir cortar o cabelo, apesar de andarmos já com o cabelo muito mais curto do que os marinheiros dos outros países. Houve malta que se recusou a cortar o cabelo. Então o canalha do tenente disse: "quem não cortar fica no barco! Quem manda aqui sou eu, e se quisesse até fazia de vós escravos." Ficamos tão revoltados que os 10 que já tinhamos cartão de saída dissemos que ou saía tudo ou não saía ninguém, e fomos para devolver os cartões. Mas nem foi preciso,

"O ALARME" - Mas se tanta gente anda revoltada contra essas humilhações, porque é que não desertam mais marinheiros dos que já sabiam que iam para as colónias, desta e das outras vezes que escalaram em portos estrangeiros?

A.S.- Muitas vezes a malta tem medo de desertar porque não sabe o que vai encontrar cá fora. Os oficiais fazem tudo para impedir que encontremos outros portugueses que já tenham deser-

porque quando fomos ter com o fascista do Pires, já o gajo estava todo acagaçado a passar cartões.

A.V.- Outra vez em que nos unimos e fizemos frente aos xicos fascistas foi há uns 2 anos, em Portland, quando o barco em que eu estava andava também em manobras da Nato. Dessa vez foi o fascista do comandante Rocha Calhordas que resolveu que não havia de nos deixar sair do barco à civil, como é costume em portos estrangeiros. Dessa vez a união da malta foi total. Ficamos 7 dias dentro do barco, mas ninguém saiu fardado. Ao fim desses 7 dias, o comandante estava a ver as coisas tão mal para das que deu o dito por não dito e deixou-nos sair todos à civil.

D.M.- Tudo isto só serve para nos humilhar e habituar-nos a obedecer às ordens mais estúpidas que nos deem. Mas cada vez mais a malta vai percebendo que, se se unir, não há oficial fascista que não se acagace.

tado e estejam organizados cá fora. Por exemplo, quando paramos na Holanda, devíamos ficar em Amsterdam. Mas aí, esperava-se que houvesse manifestações contra a NATO e contra a Guerra Colonial. Assassina.

Sabemos agora que também lá existe um CDP. Pois o nosso barco não fundeou em Amsterdan mas sim num porto afastado, Dan-helder, e mesmo aí foram montados canhões de água no tombadilho, para o caso de haver alguma manifestação. Em Copenhague também lá estiveram os canhões de água. Mas mesmo em Dan-helder, os fascistas não andavam sossegados. Antes de sairmos, o oficial de dia "recomendou-nos" que dissessemos que éramos brasileiros ou espanhóis, ou outra coisa qual quer, mas não portugueses. Eles falam muito da pátria, mas quando têm o cu a arder até nos querem fazer sentir vergonha por sermos portugueses. Mas a pátria deles não é a nossa, a dos trabalhadores.

A.V.- Quando chegámos a Copenhague, apareceu logo no barco um gajo do consulado português que esteve a falar muito tempo com o comandante. No fim da conversa, o pau-mandado do comandante, o Elias da Costa, veio dizer-nos que podíamos sair mas que estávamos proibidos de vir à Suécia. Eles lá sabiam que aqui em Malmo havia portugueses organizados no CDP. Mas essa proibição foi o pior que eles podiam fazer. Mais de 60 marinheiros vieram mesmo até Malmo, mas só nós os três é que tivemos a sorte de encontrar membros do Comité. Isso acabou por ser falado no barco, e por

isso o Luís e o Trindade já sabiam que tinham apoio se desertassem.

A.T.- Nós desertamos do porto seguinte, de Fredriks avn. O CDP da Dinamarca já tinha sido avisado daqui, e alguns dos seus membros fizeram uma viagem de quase 200 km, desde Arhus, onde têm a sede, para nos apoiar. Se não tivéssemos tido medo de falar dos nossos planos a mais marinheiros, talvez muitos outros tivessem vindo.

L.R.- Mas quando saímos do barco já lá dentro havia malta que tinha arranjado propaganda revolucionária, principalmente o "Manifesto dos Soldados", que em Portugal já há muitos quarteis em que é distribuído. Eu só consegui lê-lo cá fora, mas uma pessoa quando lê aquilo, parece que está a ver tudo pelo que passou e começa a ver a razão de muitas coisas.

D.M.- É isso mesmo. A gente muitas vezes bem sente como somos ofendidos pela canalha dos xicos. Sofremos, mas se não nos revoltamos é porque não compreendemos o porquê de muitas coisas, não analisamos os processos com que nos ofendem. A revolta anda dentro de nós, mas é

SOLDADO, LUTA DESERTA E LUTA

quando lemos o "Manifesto dos Soldados" que vemos bem como temos razão para nos revoltar e ficamos com vontade de levar aquela merda toda à nossa frente. Talvez entre os que não desertam, haja alguns que tenham percebido isso mais cedo do que nós e que só lá tenham ficado para lutar até ao último momento, até serem mesmo chamados para a Guerra Colonial Assassina.

A.T.- A gente muitas vezes deixa-se comer quando os gajos nos dão prémios para nos acender uns contra os outros. Vejam o boxe, por exemplo: somos capazes de andar ali a foder a cara a um camarada, enquanto os oficiais gozam e nos espicam com a mira nos prémios.

D.M.- Eles querem-nos fazer entrar no jogo deles, na marinham dizem que a marinha é melhor do que o exército, nos fuzileiros dizem que os fuzileiros são mais que os marinheiros, tudo isto porque, enquanto andarmos a tentar mostrar uns aos outros que servimos melhor para criados dos pançudos, estão eles a rir e a lixar-nos porque nos conseguem ter divididos. Tudo isto vem no "Manifesto" e então é que a gente percebe como muitas vezes se deixou comer, quando deve é unir-se contra essa corja de bandidos e parasitas.

A.S.- Mas mesmo depois de desertarmos, acho que a gente ainda tem possibilidades de lutar. Para isso é que estamos no CDP. Só vos digo que se no barco tivessem, sabido mais cedo que vocês aqui estavam tão bem organizados, não tinham sido cinco a desertar, mas cinquenta.

L.R.- E o CDP da Dinamarca também. Fizeram uma viagem daquelas para nos ajudarem, trataram de tudo e só nos largaram quando nos puseram em contacto com o CDP da Suécia. Os CDP são importantes para o apoio aos desertores, porque para conseguirmos ficar num país estrangeiro, temos que nos haver com políticas que, com mais alguns sorrisos, são tão fascistas como os de Portugal.

A.T.- Em Fredriksavn, quando eu vinha embora, vi que havia grupos de marinheiros reunidos aqui e ali a falar com membros do Comité. Soube depois que foram muitos os que os contactaram para falar com eles e lhes pedir literatura revolucionária.

D.M.- E aqui também fizeram por nós tudo o que era preciso. Mas o que é importante é que podemos continuar aqui a contribuir, por pouco que seja, para apoiar e fazer conhecida a luta do povo trabalhador português contra a exploração capitalista, e a dos povos das colónias contra o domínio colonialista.



CAMARADAS SOLDADOS E MARINHEIROS: ORGANIZAI-VOS EM COMITÉS DE SOLDADOS E MARINHEIROS VERMELHOS

"O facto de não existir ainda uma forte organização revolucionária de soldados que dirija as nossas lutas dentro do exercito, não impede que nos organizemos. Antes pelo contrário. No quartel onde estivermos, devemos unir-nos com mais 2, 3, 4 camaradas e formar pequenos grupos ou comités de luta clandestina, ao lado dos que já existem, estudar as condições do quartel e dar as palavras de ordem que sejam seguidas pela imensa maioria dos soldados.

Estamos assim a lançar as bases indispensáveis para uma forte organização revolucionária de soldados, única capaz de dirigir a luta vitoriosa em todos os quartéis, unindo a luta dos soldados à luta dos operários, camponeses e povos das colónias."

*lutai na tropa
desertai com armas*

(Manifesto dos Soldados)

Moradas dos COMITÉS DE APOIO AOS DESERTORES PORTUGUESES

FRANÇA : Pierre SORLIN: 13, R. Pierre Nicole 75005 - Paris

Permanência: todas as 2, 4 e 6 feiras das 18h às 20h

114, R. de Vaugirard-Paris 15 -Metro Falguière

François Bel: 26, R. Antoine 38400 St. Martin

d'Hères - GRENOBLE

HOLANDA : C.R.P. tel. 020/143850 Jacob Van Lennepkade, 13

Amsterdam Oud-West

DINAMARCA Copenhague - Permanência às 2 e 4 das 18 às 19h
e aos sábados das 10h às 12h.

Raadhusstraede, 13 - 1466 Copenhague K

Århus: Erik Petersen, Sct. Poulsgade, 37

8000 Århus C

SUECIA ; sede: Monbijugatan, 16 n-21153 - Malmo. às 3 e 5
feiras das 16 às 18h. Tel. 046/130246.

lê estuda divulga e
aplica o

MANIFESTO dos SOLDADOS PORTUGUESES

U N I D O S
C O N T R A O I N I M I G O C O M U M



O P O V O D E P O R T U G A L E
O S P O V O S D A S C O L Ó N I A S
V E N C E R ã O

ORGANIZAÇÃO COMUNISTA MARXISTA LENINISTA PORTUGUESA
O GRITO DO POVO